

GÊNERO E A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Thalita de Fátima Aranha Barbosa Sousa

Universidade Federal do Maranhão – UFMA

thalitafabs@hotmail.com

As instituições famílias e escola vem sofrendo alterações ao longo do tempo, devido as exigências de cada sociedade. Tendo em vista que ambas são importantes para o desenvolvimento do indivíduo, o presente artigo teve como objetivo discutir sobre gênero e relação família-escola. Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada entre maio de 2017 a junho de 2017, baseada na consulta a artigos científicos selecionados através de busca do banco de dados da Scielo e, teses e dissertações nas bases de dados do portal da Capes, no período de 2013 a 2016. Para tanto, utilizamos os seguintes descritores: gênero, educação e relação família-escola. A busca foi feita por meio de palavras encontradas nos resumos dos artigos e teses e dissertações, e nos títulos. A seleção dos materiais foi feita em conformidade com o assunto proposto. Deste modo, encontrando 7966 dissertações e teses e 16 artigos. Além destas, foi realizado uma busca manual de referências bibliográficas onde 6 produções foram acrescentadas, totalizando 11 produções, uma vez que mais se aproximam do referido estudo. Com isso, foi possível identificar que a relação família-escola é de suma importância e, uma vez efetivada, contribui para grandes aprendizados no que diz respeito a alunas/os/pais/professoras/es. Porém, cada instituição, seja a família ou a escola, possui características próprias que as fazem seguir determinados padrões. Assim, a relevância de ambas não confundirem/transferirem atividades uma a outra eximindo-se de suas responsabilidades. Entretanto, é necessário a efetivação das práticas propostas. Além disso, é necessário mais estudo sobre esta temática, no intuito de ampliar o conhecimento sobre.

Palavras-chave: Gênero. Relação Família-escola. Educação. Revisão bibliográfica.

INTRODUÇÃO

Novas dinâmicas sociais ocasionaram em mudanças na instituição escolar e na familiar. Assim, ao falar tanto de escola quanto de família, é necessário desenvolver uma discussão sobre esta principalmente no que se refere a relação de ambas as instituições.

A família tem sofrido alterações ao longo do tempo. Isto se deu devido as exigências de cada sociedade. Além disso, é importante para o desenvolvimento do indivíduo, uma vez que a partir desta, costumes, valores, crenças, conhecimentos, entre outros serão transmitidos para estes.

Em relação a escola, esta também sofreu alterações. A criança agora passa grande parte do seu tempo neste ambiente. Com isso, as escolas não querem assumir a responsabilidade de transmitir um conhecimento mais sistematizado. Questionam que a elas cabe a função de transmitir apenas os conteúdos necessários para a vida profissional, ou futura dos indivíduos.

No que diz respeito às questões de gênero na educação escolar, as/os professoras/es questionam que tal temática produz impasses na relação família-escola. E há ainda quem considere que falar sobre gênero é papel da família e não da escola. Entretanto, tanto família quanto escola reproduzem questões de gênero que precisam ser trabalhadas.

Assim, o objetivo deste estudo é refletir sobre as questões de gênero e relação família-escola. De que maneira ambos podem se ajudar e trabalhar para que os aprendizados aumentem, a criança se torne autônoma e, todos questionem o que lhes tem sido impostos. É importante considerar que a escola não pode deixar de lado a sua função de questionar, refletir e fazer com que alunos/pais/professoras/es compreendam como ocorrem os processos de desigualdades, de homofobia, entre outros.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica, realizada entre maio de 2017 a junho de 2017, no qual realizou-se uma consulta a artigos científicos selecionados através de busca do banco de dados da Scielo e, teses e dissertações nas bases de dados do portal da Capes, no período de 2013 a 2016. Os descritores utilizados foram: gênero, educação, relação família-escola.

A busca foi feita por meio de palavras encontradas nos resumos dos artigos e teses e dissertações, e nos títulos. A seleção dos materiais foi feita em conformidade com o assunto proposto. Foram excluídos os materiais que, embora contemplassem o tema Gênero e relação família escola, não apresentaram metodologia para trabalhar ou abordar tal temática na escola.

Para melhor compreensão e visualização dos resultados da pesquisa, as produções foram organizadas em uma tabela contendo: nome do autor, ano de publicação, local de publicação e metodologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No SCIELO foram encontrados apenas 16 artigos, dos quais 1 atendia ao critério de refinamento. Na base de dados do portal da Capes, 7966 teses e dissertações foram encontradas utilizando os mesmos critérios de refinamento apenas 4 dissertações/teses se aproximavam do referido estudo. Pela busca manual de referências bibliográficas, foram acrescentados mais 6 textos, totalizando 11 produções.

Autor/a	Ano de publicação	Local de publicação	Metodologia
Alessandra Maria Savaget Barreiros e Lima de Almeida	2014	Rio de Janeiro	Levantamento bibliográfico sobre os temas família e a relação família-creche; entrevistas; grupos focais e oficinas.
Caroline da Silva dos Santos	2016	Santa Maria, RS	Estudo de caso; questionário não estruturado; Círculos Dialógicos Investigativo-formativos.
Gerard Duveen	1993	Cambridge	Pesquisa desenvolvida com crianças dos primeiros anos escolares. O autor analisou as questões de gênero fazendo um comparativo com a teoria de Vygotsky e a importância de considerar as identidades sociais.
Maria Eulina Pessoa de Carvalho	2004	Paraíba	O texto discute sobre as relação entre família-escola baseados na divisão de trabalho de educação de crianças e jovens.

Adriano Sousa Senkevics	2015	São Paulo	Teve 25 crianças como participantes da pesquisa; realizou entrevistas semiestruturadas e observação participante por um semestre letivo.
David S. Seeley	1989	Califórnia	A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas públicas na Califórnia. Tais escolas participam de um projeto denominado “Acceleretad Schools”
Maria Eulina Pessoa de Carvalho	2000	Paraíba	A autora disserta sobre a participação dos pais na gestão pública com base na política educacional.
Adri Menheere & Edith H. Hooge	2010	Amsterdam	Esta pesquisa foi desenvolvida com pais analfabetos de crianças dos primeiros anos escolares.
Sayarah Carol Mesquita dos Santos; Priscila Gomes dos Santos; Michaelly Calixto dos Santos; Walter Matias Lima.	2016	Maceió	Estudo teórico acerca da discussão de gênero na relação escola-família-alunos. Usaram como contribuições os seguintes autores: Louro (1997, 2000), Barreto, Araújo e Pereira (2009), Scott (1995) e Florencio (et al. 2009)

Isaias Batista de Oliveira Júnior; Diego Raone Ferreira e Renata Maria Coimbra.	2016	Mato Grosso	Estudo teórico a respeito da diversidade de família e como se dá sua relação com a escola.
Elaine Pierini de Souza Marques	2012	Londrina	Tal pesquisa é um relato de experiência, onde a autora discutirá a relação família-escola na ótica dos professores. Para tanto, foi realizado uma pesquisa de campo e aplicação de questionário semiestruturado.

Tabela 1: Distribuição dos artigos da amostra

Observando a tabela acima, nota-se que das 11 produções, 9 foram elaborados a partir de 2000 e, grande parte das produções encontradas tem como população-alvo os pais e crianças dos primeiros anos escolares. Duveen (1993, p.5) afirma que “[...] Os primeiros anos escolares é apenas um momento, em um processo de desenvolvimento extenso, através do qual as identidades sociais de gênero são construídas”.

No que tange as questões de gênero, Santos (et al. 2016) destacam que ser homem ou mulher é um processo cultural e que estes se posicionam de forma hierárquica, desigual. Além disso, é muito forte, na sociedade, a reprodução da classe dominante, onde a esta coloca o homem como ser superior e a mulher como ser inferior. Por conta disso, as/os autoras/es afirmam que tanto a escola como a família reforçam as desigualdades de gênero.

Ainda sobre esta temática, Duveen (1993) diz que é obrigada a construção de uma identidade. Esta tem uma estrutura particular que é necessária para as representações sociais. A identidade social é o que vai diferenciar os grupos de indivíduos. Deste modo, no decorrer de sua pesquisa, mostra-se inquieto com algumas posturas reproduzidas na sociedade e na própria escola: porque que as meninas podem realizar atividades masculinas e, os meninos não podem realizar

atividades femininas? Que tipo de educação está sendo oferecida para esses indivíduos?

Sobre a questão familiar, Marques (2012), Almeida (2014), Júnior (et al. 2016) destacam que a instituição família vem sofrendo alterações ao longo do tempo, uma vez que esta é fruto da sociedade da qual está inserida. Assim, a organização familiar segue o desenvolvimento da desta. Por isso, mudanças em seu conceito, suas obrigações, suas formações e até mesmo suas contribuições.

Tento em vista as mudanças ocorridas na sociedade, as/os autoras/es citados anteriormente, trazem em suas produções conceitos diferentes de família, que surgiram mediante as necessidades de cada sociedade. Dentre uma vasta lista de conceitos, alguns serão citados. São eles: **família nuclear**, é aquela formada por pai, mãe e filha/o. Essa constituição tem o pai como o provedor, aquele que sustenta a casa e a mãe é submissa a ele. Além de ser responsável pelo cuidado da casa e educação dos filhos.

Tem-se ainda a **família consanguínea**, formada por casamento entre irmãos. A **família homoafetiva**, composta por casais homossexuais que podem ou não adotar uma criança. Há ainda a **família extensa**, sendo formada pelos pais e por parentes próximos com os quais as/os filhas/os convivem e mantém vínculos. A **família multigeracional**, quando pessoas de outras gerações participam dos cuidados com as crianças, entre outros.

Com base nesses arranjos familiares, observa-se que estas não são constituídas de forma igual. Cada uma possui membros que vivem em diversos ambientes, passam por experiências diferentes, vivências diferentes, entre outros. Desta forma, Almeida (2014) destaca que em cada núcleo é criado uma nova forma de relacionamento, baseado nos papéis sociais que desempenham e nas características de cada membro.

Assim, Senkevics (2015, p.58) aborda o conceito de socialização onde diz que “[...] Na família ou na escola, socializar-se em um gênero, desde a infância, não é apenas internalizar normas”. Portanto, nesses processos complexos há aprendizados que são construídos e reconstruídos pelos indivíduos sob influências da mídia, de seus familiares, da escola e outras instâncias.

Convém destacar que grande parte dessas pesquisas (MENHEERE; HOOGE, 2010; ALMEIDA, 2014; SANTOS, 2016; SANTOS; ET AL.,

2016; JUNIOR; ET AL., 2016) destacam que, devido as mudanças ocorridas na sociedade, aos novos arranjos familiares e, até mesmo a entrada da mulher no mercado de trabalho, a família precisou se adequar às novas exigências. Isso significa que a família precisou estender uma educação, que até pouco tempo era de sua responsabilidade, para uma nova instituição, a escola. Almeida (2014, p. 59) utiliza o conceito de **coparentalidade** para explicar tal mudança. Assim, “[...] os profissionais que os pais deliberaram a função de compartilhar a educação das crianças, podem ser percebidos como figuras coparentais”.

Nesse sentido, família e escola fazem parte do contexto de desenvolvimento do indivíduo, possibilitam aprendizagens, compartilham responsabilidades, reproduzem as desigualdades de gênero, entre outros. Segundo Almeida (2014, p. 60) “O vínculo entre a instituição educacional e a familiar possibilita o desenvolvimento de aprendizagens tanto para uma quanto para a outra, já que cada uma delas possui expectativas no que se refere ao processo educativo da criança”.

Ainda segundo a autora, ao fazer parte dessa nova instituição, a escola necessita conhecer a cultura tanto das/os alunas/os, quanto de seus pais, para que possam planejar e organizar suas atividades com base nessas informações. Para que este processo tenha resultados satisfatórios, no primeiro contato da família com a escola, é necessário adquirir confiança. Trazer os pais cada vez mais para participarem do ambiente escolar e conhecerem o que foi escolhido para seus filhos.

Santos (2016) afirma que a escola, ainda que tenha a função de educar, ao contrário da família, é um espaço educativo e possui uma intencionalidade pedagógica. Santos (et al. 2016) complementam afirmando que a escola deve proporcionar as/aos alunas/os reflexões, questioná-los e tentar fazer com que estes compreendam como ocorrem os processos de homofobia, desigualdades, entre outros. Para tanto, a escola deve produzir conhecimentos, tanto para as/os alunas/os quanto para a comunidade escolar, no intuito de que todos possam discutir sobre.

A partir de sua pesquisa realizada com pais analfabetos, Menheere; Hooge (2010, p.144), constataram que “pais envolvidos no processo educativo, auxiliam na conquista, realização, motivação e bem-estar” das crianças. As autoras detectaram ainda que há possibilidade de envolver os pais nas atividades escolares. Para isso, é necessário o engajamento dos mesmos. Compartilham

ainda da ideia de Santos (et al., 2016), onde destacam a importância da escola acolher alunas/os e pais, ensinando-lhes. No que se refere a relação família-aluno, os pais precisam da continuidade aos ensinamentos no ambiente familiar. Escola e família precisam caminhar juntas para que as propostas e conhecimentos oferecidos não se divirjam.

No que se refere a relação família-escola, Carvalho (2000, 2004) foi a única autora analisada da qual apresentou os pontos negativos dessa relação. Com base nas políticas educacionais, espera-se um modelo de família padrão. Além disso, colocam a mãe como a principal responsável para a educação no ambiente familiar; o ambiente familiar deixa de ter momentos de lazer para estender as atividades escolares, entre outros. Segundo Carvalho (2000), a forma como as políticas educacionais tem exigido que os pais façam parte da gestão educacional, não há como trabalhar as questões de gênero.

Seeley (1989) desenvolveu sua pesquisa na Califórnia, em duas escolas públicas participantes do projeto “Accelerated Schools”. Foi proposto um momento com as/os professoras/es, onde todas/os puderam conversar sobre como poderiam melhorar o rendimento da escola. Estas/es chegaram à conclusão de que não poderiam fazer nada sozinhos. Assim precisariam da ajuda dos pais. Com a comunidade escolar envolvida nesse processo, o rendimento da escola aumentou e conseqüentemente o desenvolvimento de todos. Professoras/es, pais e alunas/os puderam conhecer mais dos projetos de suas escolas, dos currículos, participavam de discussões, entre outros.

Santos (2016) trabalha com a proposta de diálogo, sendo esta uma peça fundamental no que diz respeito a relação-família escola, aproximando-os. Para isso, a família deve estar mais presente no ambiente escolar, podendo estas compartilhar momentos, vivências, experiências, entre outros. A partir do momento que professoras/es se reconhecem no processo formativo, em que se encontram e se colocam em frente ao seu processo de autotransformação, percebem que são seres inconclusos e que necessitam de constantes atualizações.

Ainda em relação ao diálogo, quando os participantes percebem que há mensagens importantes e, que há outros envolvidos do qual também precisam ser escutados, conseguem sair do processo de acomodação, ou seja, passam a não se

incomodar com o que lhes é imposto. Por isso, estudam, refletem, questionam, problematizam.

Essa partilha de saberes, afetos, emoções e amorosidade, vivenciada pelas professoras e a comunidade escolar, se entrelaça com as práticas pedagógicas que, quando realizadas e dialogadas, desenvolvem o humano e cotidiano *milagre do aprender*. E esse aprender não se relaciona apenas com aprender conteúdos, regras, rotinas, mas esse aprender se relaciona com ouvir o outro, respeitar sua opinião, perceber que o outro é parte importante do diálogo, para que ambos, escola/famílias/professores, possam dizer a sua palavra, e, assim, o diálogo possa se efetivar de forma concreta. (SANTOS, 2016, p.97-98).

Neste sentido, em algumas produções foram apresentadas algumas estratégias a serem trabalhadas na escola no que se refere as questões de gênero. Santos (et al., 2016) dizem que “as questões de gênero, de orientação sexual e de identidades têm que ser abordadas num viés de riqueza, pluralidade”. Sendo assim, não cabe a escola ensinar como ser homem ou ser mulher. Cabe a esta trabalhar como não legitimar as desigualdades de gênero, portanto, é necessário problematizar.

Em sua pesquisa, Menheere; Hooge (2010), propuseram que para atingir os pais analfabetos, a escola poderia providenciar materiais ilustrativos, onde tanto a escola quanto os alunos pudessem auxiliá-los para aprendizagem dos conteúdos. Porém, para isso, é necessário que os pais informem as/os professoras/es de sua condição.

Santos (2016) propõe rodas de conversas, onde os pais e os professores possam trocar experiências, partilhar saberes, entre outros. Tal oportunidade se efetivaria em espaços de formação, onde os envolvidos nesse processo teriam condições de conhecer a realidade de cada um e estudar mais. As professoras participantes relataram que necessitavam de mais espaços de formação ao invés de reuniões pedagógicas, onde os assuntos eram os mesmos sempre.

Marques (2012) também defende a ideia de que os pais deveriam compartilhar experiências com outros pais, devem ainda participar das reuniões de pais, participar das reuniões pedagógicas, da elaboração do Projeto Político Pedagógico. Uma vez a escola tendo aproximação maior da comunidade escolar, esta pode trabalhar acerca da cultura local, das necessidades em relação a

formação, dos problemas que atingem a população e outras demandas relevantes.

Almeida (2014, p. 64) diz que a participação da família deve ser no sentido de “ajudar a definir, no coletivo, concepções, normas e regras, agregando conhecimentos científicos e não científicos às discussões”. Além disso, acredita na ideia de que a escola precisa desenvolver autonomia nas crianças, para que a mesma consiga tomar conta de si e interagir com os outros à sua volta.

CONCLUSÃO

Ao analisar as produções, há um consenso entre as/os autoras/es no que diz respeito necessidade de uma relação de qualidade entre família-escola. Estas mostraram que quando a escola se propõe trabalhar junto com os pais, há um maior desenvolvimento das/os alunos e engajamento dos próprios pais tanto no conhecimento das propostas quanto na extensão desses conhecimentos para o ambiente familiar.

Foi identificado ainda que quando trabalham juntas, família-escola, o trabalho acontece de forma dividida, onde nenhuma dessas instituições precisam disputar a atenção das crianças. Em contrapartida, foi mostrado, em grande parte das produções, que tanto a família como a escola são reprodutoras da desigualdade de gênero. Por conta disso, necessitam redobrar os cuidados quanto suas abordagens.

Estudos sobre gênero e relação família-escola se apresenta de maneira escassa e, no que tange os suportes metodológicos demonstram conclusões genéricas onde não se aprofundam em relação ao tema. É importante destacar que há reconhecimento na importância da relação família escola. Porém, não se percebem avanços com relação as práticas propostas.

Por fim, mesmo apresentando alguns resultados significativo nas produções, é necessário mais estudo sobre esta temática, no intuito de ampliar o conhecimento sobre o tema, propor intervenções para melhorias nas práticas, entre outros.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Alessandra Maria Savaget Barreiros e Lima de. **A relação família-creche no programa Primeira Infância Completa**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014, 202p.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. **Cadernos de pesquisa**, n.110, 2000, p.143-155.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Modos de educação, gênero e relações escola família. **Caderno de Pesquisa**. v. 34, n. 121, jan/abr 2004, p. 41-58.

DUVEEN, Geard (1993). **The development of social representation of gender**. Papers on Social Representations, 2, p. 171-177.

JÚNIOR, Isaias Batista de Oliveira; FERREIRA, Diego Raone; COIMBRA, Renata Maria. A relação família escola na aprendizagem escolar: que escola, qual família?. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v.6, n.1, jan/jun 2016, p.192-204.

MENHEERE, Adri; HOOGE, Edith H. Parental involvement in children's education: A review study about the effect of parental involvement on children's school education with a focus on the position of illiterate parents. **Journal of the European Teacher Education Network JETEN**, 2010, v.6, p.144-157.

SANTOS, Caroline Silva dos. **O processo dialógico entre família e escola: limites e possibilidades para a auto(trans)formação permanente com professoras**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016, 154p.

SANTOS, Sarayah Carol Mesquita dos; SANTOS, Priscila Gomes dos; SANTOS, Michaelly Calixto dos; LIMA, Walter Matias. A abordagem de gênero na relação: escola, família e alunos. **Saberes docente em ação**, v.2, n.1, novembro de 2016, p. 1-15.

SEELEY, David S. A new Paradigm for Parental Involvement. **Educational Leadership**, v. 47, n. 2, oct., 1989, p.46-48.

SILVA, Maciel Cristiano da. **Trajetórias educacionais de crianças com necessidades especiais no município do Rio de Janeiro**. 2013.Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, 153p.

SOUZA, Elaine Pierini de. **Relação família escola: como a escola lida com esta relação**. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia - Universidade Estadual de Londrina 2012, 37p.